

Ricardo Cravo Albin

Ainda sobre o aniversário da cidade do Rio de Janeiro

Há poucos dias celebrou-se timidamente mais um aniversário da cidade do Rio de Janeiro. Portanto, tenho o prazer de mais uma vez registrar as considerações abaixo. Que dedico a Arno Wehling, atento e permanente historiador do Rio.

Vale a pena não apenas lançar um olhar sobre o nosso passado, nem tão longínquo assim, mas também um registro sobre a insuperável beleza, história e tragédia da mais bela baía do Brasil. Guanabara é o primitivo nome tamoio que significa baía (guana) do rio (bará), se bem que alguns outros admitam o vocábulo como sendo tupi e com outro significado, “tribo que se pinta (gua - aná - bará)”, um possível vaticínio — quem sabe? — do surrealismo dos carnavais cariocas no século XX.

Já Rio de Janeiro foi o nome que os primeiros navegadores aqui aportados (André Gonçalves e Américo Vespúcio) deram à baía que parecia um grande rio. Era o dia 2 de janeiro de 1502, daí o Rio de Janeiro. Logo depois, a 1º de março de 1565, o Governador-geral do Brasil Mem de Sá, vindo de Salvador, fundou a cidade auxiliado por Estácio de Sá, seu jovem primo (e não sobrinho), que aqui já estava combatendo sem sucesso os franceses e que seria flechado pelos tamoios dentro da baía, na batalha final (nas imediações da Glória, mas morreria no esboço de vilarejo instalado no Morro Cara de Cão, na Urca).

Aliás, sem Mem de Sá o Rio seria uma cidade francesa e o Brasil fragmentado em dois. Não é à toa que o injustiçado estadia, que levou o Rio a expulsar os franceses de Villegagnon (encastelado na baía) e que também o levou para seu histórico destino a partir do Morro do Castelo (1567), chegou a ser celebrado por José de Anchieta como o “Afonso Henriques do Brasil e seu muy fiel fundador”.

De Mem de Sá para cá, o Rio se construiu e reconstruiu muitas vezes, especialmente muito mal nesses últimos cinquenta anos, com a desordem urbana dos gabaritos dos prédios, das invasões das encostas, da degradação dos serviços públicos (especialmente transporte coletivo), da falta de segurança, de moradia, etc.

Mem de Sá foi o verdadeiro fundador do Rio de Janeiro e também por aqui inaugurou a dinastia dos Sás, que por muitas gerações governaram o Rio, tendo a Baía de Guanabara como pano de fundo. Eu costumo dizer que não há família de ascendência mais nobre e mais carioca que os Sás. Não é à toa que M. J. Gonzaga de Sá, conhecido personagem de Lima Barreto, dizia: “Eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro”.

O Desembargador Mem de Sá, nomeado o terceiro governador-geral do Brasil por D. João III, governou o Brasil durante catorze anos, de 1558 a 1572. Foi ele que desfez o sonho da França Antártica e conseguiu derrotar as

hostes de Villegaignon em 1560, eliminando os seus remanescentes em 1567. Pretendem os historiadores que a cidade do Rio tenha sido fundada em 1565 pelo capitão-mor Estácio de Sá, jovem de menos de vinte anos, que geralmente se afirma sobrinho de Mem de Sá. Estácio, contudo, havia chegado ao Rio a 1º de março de 1565 com a incumbência do governador-geral, seu tio, de varrer os franceses que ainda teimavam em aqui permanecer. Aqui permaneceu em lutas constantes, a maioria delas malsucedidas, até que, por interferência do Padre José de Anchieta, o Governador-geral Mem de Sá se dispôs a vir em socorro do sobrinho, ou primo. Mem pôs termo à aflitiva situação em 20 de janeiro de 1567, quando se tornou efetiva a fundação da cidade, sob a invocação de São Sebastião, seu padroeiro, e também com o sacrifício de Estácio de Sá, flechado em frente ao Rio Carioca — hoje Flamengo — e trazido para a vila do Cara de Cão, na Urca, onde morreria logo depois.

Fundada a cidade, seu primeiro governador foi Salvador Correia de Sá, um excelente administrador, que governou entre 1568 e 1572 e depois de 1577 a 1598, quando conquistou a confiança de Felipe II, durante a dominação espanhola. A Ilha do Governador passou a ser assim denominada por haver Salvador Correia de Sá construído ali um engenho de sua propriedade. Com Salvador de Sá começou a prosperidade

dos Sás no Rio. No início do seu governo, ele era tão pobre que Mem de Sá chega a confessar no seu Instrumento: “Deixei, por Capitão da dita cidade do Rio de Janeiro a Salvador, meu sobrinho, o qual ainda sustento às minhas expensas”. A dinastia só fez engordar a fortuna dos Sás. Martim Correia de Sá, seu filho, governou a cidade de 1602 a 1607 e de 1623 a 1632, quando morreu (está sepultado na igreja do Convento do Carmo). Martim fez fama, mas não se deitou na cama, tanto que defendeu a cidade das possíveis investidas dos holandeses sediados em Recife, construindo várias fortalezas, como a de Santa Cruz, de onde escreveu carta (5/11/1624) em que se referia à cidade ganhada aos inimigos e povoada por seu pai. E acrescentava, com justo orgulho, que “esta cidade, dos Sás ganhada, não é bem que em tempo de um Sá se perca”. Outro Sá importante foi Salvador Correia de Sá e Benevides, filho de Martim, e que governou o Rio por três vezes, entre 1637 e 1661. O carioca Sá e Benevides viveu uma vida agitadíssima e sempre foi considerado um dos vultos mais atraentes da história luso-brasileira no século XVII. O último da única dinastia familiar carioca foi o capitão-general Artur de Sá e Menezes, cujo governo medeia entre 1697 e 1702. O domínio dos Sás no Rio, portanto, foi longo e poderoso, perdurando por quase um século.

Fernando Molica

O BBB que contamina o Congresso Nacional

A eleição do deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) para a Comissão de Educação da Câmara é mais uma evidência da tentativa do bolsonarismo de deslegitimar o Congresso Nacional, de destruir a credibilidade que lhe resta — um atalho até para favorecer seu eventual fechamento.

Como disse à coluna Bastidores um importante integrante do PL, a indicação do parlamentar foi para “causar”, ou seja, provocar, criar uma polêmica. É mais uma tentativa de substituir a discussão política por cenas de picadeiro que geram likes, curtidas e gritos da plateia.

Eleitos pela população — e Nikolas foi o deputado mais votado do país —, os deputados da direita e da extrema direita têm o óbvio direito, e mesmo a obrigação, de brigar contra teses da esquerda. É justo que exponham suas críticas ao MST, ao viés estatizante do governo, a um aumento da carga tributária, à demarcação de terras indígenas, à descriminalização das drogas e do aborto. Podem defender a não regulamentação da internet e

do trabalho de motoristas de aplicativos e de entregadores de comida.

São temas que fazem parte da direita internacional, relacionados à defesa do liberalismo e ao ataque ao apetite estatal. É mais do que razoável que correntes de pensamento conservador queiram incentivar o empreendedorismo e a iniciativa individual. Essa discussão é necessária até mesmo para arejar e questionar dogmas da esquerda.

Na Educação, é razoável que se discuta o modelo de não pagamento de mensalidades em universidades públicas (ainda que hoje a maioria dos alunos seja pobre ou de classe média baixa), homeschooling, a possibilidade de concessão de vouchers para que crianças e jovens estudem em escolas particulares. Vale também levantar temas relacionados ao Plano Nacional de Educação — pauta desprezada pela direita ao longo dos anos — e, mesmo, a um eventual predomínio de abordagens à esquerda em questões curriculares.

O problema é que Nikolas e outros tantos companheiros

da extrema direita têm fugido do debate de temas relevantes do universo educacional. Focam em besteiras como a suposta existência, em escolas, de uma corrente de pensamento destinada a fazer com que crianças assumam uma orientação sexual diferente daquela que lhes seria determinada pelo sexo no nascimento — como se possível convencer alguém a deixar de torcer pelo Atlético e optar pelo Cruzeiro, ou vice-versa, para usar exemplo mineiro.

Chamam de “ideologia de gênero” a prática necessária de não discriminar crianças e jovens que não se enquadram em determinadas visões da sexualidade, atitude que busca apenas evitar sofrimento e, mesmo, suicídios gerados pelo preconceito. Liberais deveriam, até por fidelidade à doutrina que privilegia a individualidade, defender o que é diverso, não estimular a desinformação e o medo.

A mesma sanha oportunista é que leva à distorção de informações sobre banheiros unissex. O deputado agora presidente da Co-

missão de Educação chegou a ser denunciado pelo Ministério Público por expor uma adolescente transexual de 14: numa escola, ela utilizou o banheiro onde estaria a irmã do parlamentar.

Para ele, a jovem não passava de um homem, como se rapazes que se identificam com o sexo oposto fossem capazes de adotar uma personalidade feminina, e arcar com todas as prováveis agressões de que seriam vítimas, apenas com o objetivo de assediar mulheres. A caricatura não está nessas pessoas, mas no próprio Nikolas, que há exatamente um ano subiu na tribuna da Câmara com uma peruca loura.

A escolha do deputado mais famoso pelas provocações para um cargo tão importante tem a ver com o crescimento da briga política, não deixa de ser uma reação a investigações da Polícia Federal. Mas é uma pena que políticos de carreira estimulem a transformação do Congresso na casa do BBB. Não custa lembrá-los de que seus empregos dependem da democracia e do sistema representativo.

EDITORIAL

A luta contínua pela igualdade de gênero

Seja pelas trabalhadoras indígenas e norte-americanas do século XIX ou pelas soviéticas do século XX, o fato que desde 1975, o 8 de março virou o Dia Internacional da Mulher, conforme resolução da ONU. Desde então, as mulheres lutam por melhores condições sociais e trabalhistas e o mês virou o símbolo para campanhas e ações sobre diversos temas relacionados à elas.

Vários projetos de lei foram criados para dar voz e mais direitos às mulheres, especialmente aqueles voltados para combater a violência de gênero. O mais emblemático, a Lei Maria da Penha, virou a porta para tantos outros, como o que criou o feminicídio.

De fato, desde a época colonial, a mulher era vista como uma pessoa para cuidar da casa e educação das crianças, mas, aos poucos, com a modernidade, foi adquirindo espaço no “universo” masculino e ganhando voz na sociedade. Hoje, muitas são donas e líderes de empresas, ajudam na parte financeira dos lares e até fazem trabalhos laborais pesados. Em outras frentes ainda falta mais representatividade, como na política, onde, proporcionalmente, o número de parlamenta-

res, prefeitas e governadores está muito defasado na comparação com os homens. Alzira Soriano deu o pontapé, apenas em 1927, tornando-se a primeira prefeita da América Latina. Daí em diante, outras mulheres se destacaram no meio, como a chilena Michelle Bachelet e Dilma Rousseff, a primeira presidente do Brasil.

Nesta linha, vale destacar, o voto feminino foi introduzido na constituição apenas em 1934, mas a primeira eleição com mulheres aconteceu apenas em 1946.

Mais do que ser um dia — ou mês — de reflexão, a luta pela igualdade de direitos das mulheres na sociedade deve ser permanente e constante, pois ainda há relatos de empresas que pagam salários menores a funcionárias do que para funcionários, mesmo exercendo a mesma função. O fato é que elas já conquistaram muitas atribuições ao longo do tempo e batalham para ter equidade em outras áreas. Afinal, não é pelo de fato de ser mulher que certas obrigações não a competem, pois todos nós somos seres humanos e tempos plena capacidade de fazer quaisquer tarefas, independente de qual venha a ser.

O bom atendimento está fora de moda?

Existe uma máxima no mercado que diz que o “cliente tem sempre razão”. Entretanto, nosso setor varejista precisa melhorar sua forma de tratamento e atendimento ao público. Principalmente no Rio de Janeiro.

A Cidade Maravilhosa, tão conhecida pela sua receptividade aos turistas, pelas belezas naturais e pela forma bem-humorada que seus cidadãos levam a vida, já ficou conhecida há tempos como o local em que em muitos estabelecimentos o cliente vai ser mal atendido.

A “piada” que já virou meme nas redes sociais, não tem lá tanta graça quando analisamos o potencial desperdiçado pelo setor varejista, que vai das grandes marcas até os estabelecimentos de bairro.

É claro que não é possível generalizar, há ótimos atendimentos espalhados pela cidade, mas para quem tem o costume de viajar o Brasil, percebe que

no Rio há uma falta de cultura empresarial em muitos lugares.

Funcionários que não se esforcem para atender o cliente e se comportam como se o público o estivesse incomodando. Sons absurdamente altos com propagandas que tentam convencer as pessoas a comprarem, literalmente, no grito. Gerentes completamente despreparados, que não conseguem resolver simples problemas e nem atuar em situações adversas e gestores que não passam para os seus colaboradores uma cultura de identificação com a marca.

Todos esses comportamentos resultam em um arranhão da imagem que, infelizmente, não fica apenas nos bem-humorados memes de redes sociais, mas que afeta a reputação de lojas, o que acaba refletindo no número de vendas e, consequentemente, no faturamento. Precisamos repensar nossos conceitos.

Opinião do leitor

Dia da Mulher

Todos os Poderes prestam as homenagens às mulheres pelo 8 de março. Porém, elas deveriam recebê-las todos os dias. Depois de anos de luta, hoje a mulher tem mais equidade em várias categorias, mas ainda falta muito para obter direitos similares aos dos homens. E a luta a isso não pode parar!

Silvana Barbosa Pedrosa
São Paulo - São Paulo

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 100 ANOS: GRÉCIA VOLTARÁ A SER REPÚBLICA

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de março de 1924 foram: Assembleia Consti-

tuínte da Grécia promove a queda da monarquia sem precisar de plebiscito. Memória de Lênin conti-

nua viva na URSS. Governo do Rio Grande do Sul denuncia 9 pessoas pelo desfalque na Alfândega.

HÁ 75 ANOS: SENADO APROVA INSTALAÇÃO DE REFINARIAS NO PAÍS

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de março de 1949 foram: Sun Fo renuncia ao cargo de presidente da China e negociações de paz ficam estagnadas no país.

Nações finalizam os últimos itens para divulgar o Pacto do Atlântico. Partido Socialista Italiano pode sair da Conferência Internacional Socialista. Israel inicia tratativas para a

instalação de seu parlamento. Senado aprova o projeto da instalação de refinarias de petróleo no Brasil e das vagas dos comunistas. Câmara aprova projeto com 5 feriados nacionais.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) Paulo Bittencourt (1929-1963) Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)
Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente) marcos.salles@jornalcorreiodamanha.com.br
Cláudio Magnavita (Diretor de Redação) redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima Serviço noticioso: Folhappress e Agência Brasil Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) Leo Delfino (Editor)
Telefones (21) 2042 2955 (11) 3042 2009 (61) 4042-7872 Whatsapp: (21) 97948-0452 Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP: 22775-057 www.correiodamanha.com.br
Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.